



LIVRARIA ACADÉMICA

J. Guedes da Silva

R. Mártires da Liberdade, 10

Telefone, 25988 — PORTO

LIVROS USADOS

COMPRA E VENDE

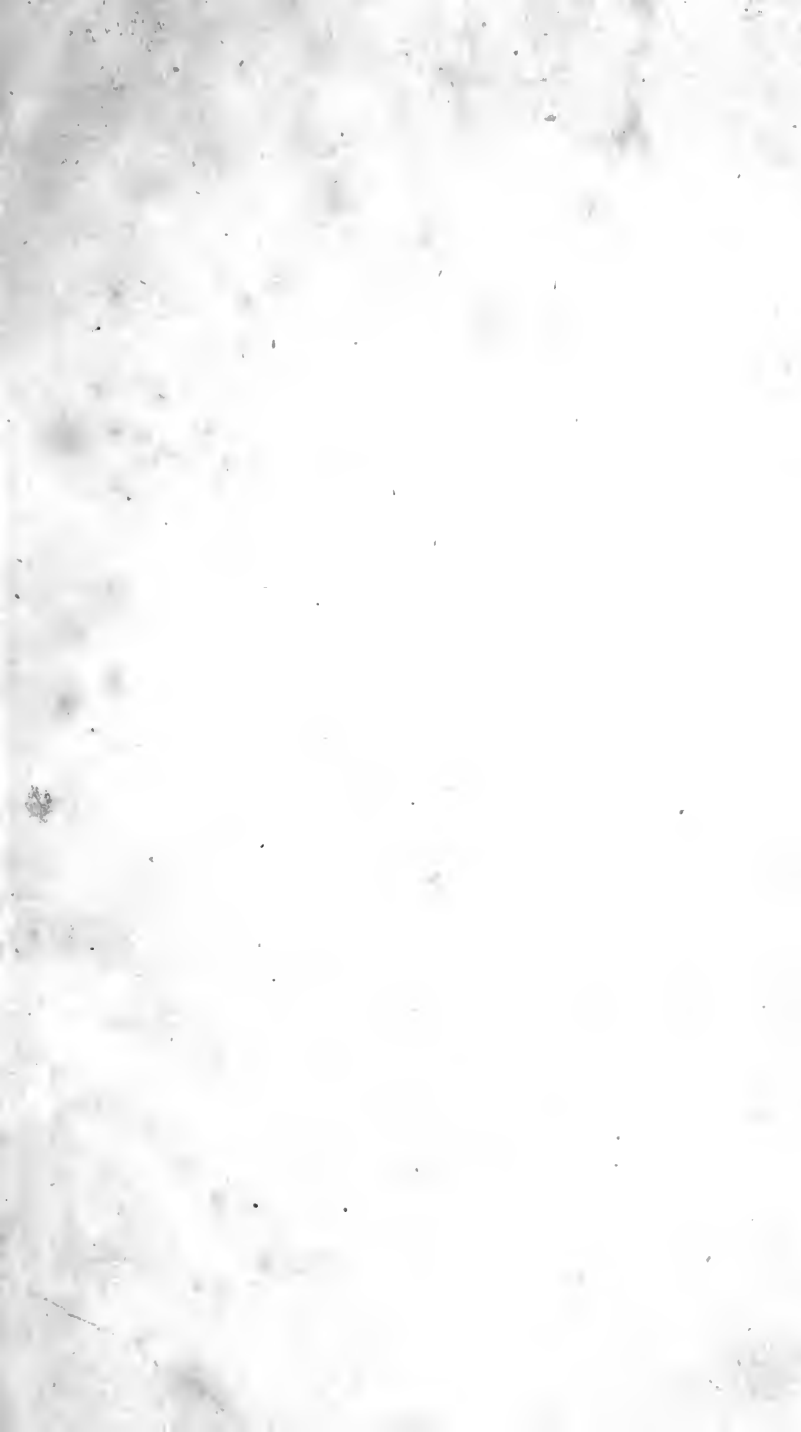


Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor
Ralph G. Stanton





Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

O N O V O
A R G O N A U T A ;
P O E M A

P O R

J O S E ' A G O S T I N H O D E M A C E D O .

Plus ultra.



LISBOA.

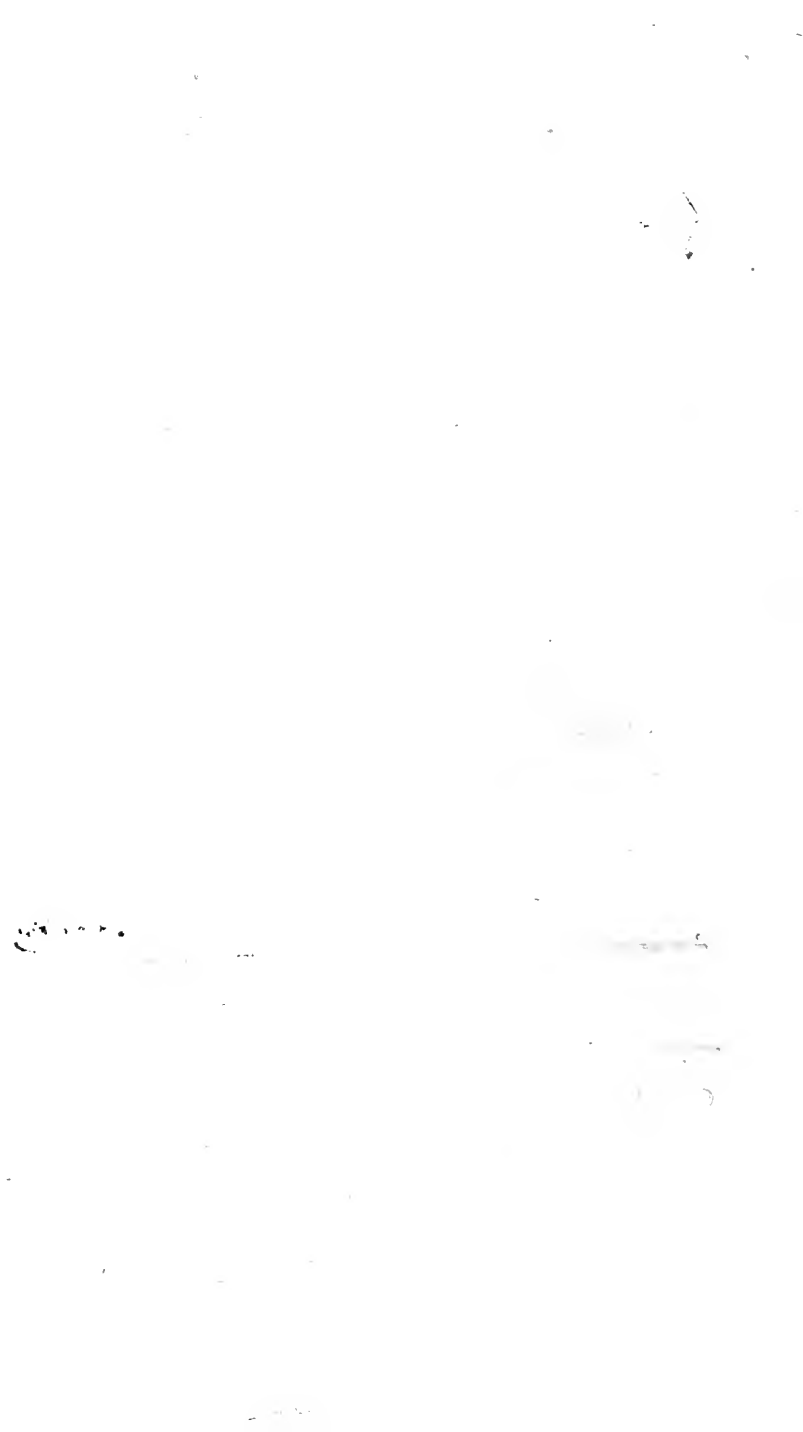
INTER FOLIA FRUGUS.

Flautois

NA TYPOGRAFIA DE BULHÕES. ANNO 1825.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

Vende-se na Loja de Francisco José de Carvalho,
Livreiro ao Pote das Almas.



P R E F A C I O

D A

S E G U N D A E D I Ç A Õ.

SE os sentimentos que agora me animaõ fossem semelhantes aos que me animáraõ em 1809 eu procuraria dar ao Público para gloria da Pátria mais enriquecido este pequeno Poema. Se entaõ sentisse como agora sinto, nem assim mesmo pequeno appareceria. Em 1809 ainda se não tinha condensado sobre a minha cabeça a carregada nuvem de perseguições, e de afrontas com que me tem galardoado hum assiduo estudo das Letras, e hum invariavel, e heroico amor da Pátria: as acções que eu della podia celebrar, sempre ficariaõ manchadas com a barbara ingraticidaõ com que tenho sido tratado, fazendo-me esta ver, que os louvores que tenho dado á Nação Portugueza são outros tantos ultrages de que se tem desfornado com

injúrias. Neste pequeno Poema eu levantei hum Padraõ á Gloria Nacional; mas elle foi hum grito da guerra: neste ponto começou, e ainda até agora me naõ tem concedido perfeita paz.

Pouca memoria tinha já deste meu antigo trabalho, jazia para mim no mesmo desprezo, e esquecimento em que permanece tudo, ou quasi tudo o que eu tenho composto, filho tudo de huma infatigavel imaginaçaõ, e sem auxilios. He pequeno o volume deste Poema, porém está cheio de tudo quanto nos fez grandes aos olhos de todas as Nações da Terra; elle será huma próva successiva e permanente de que podemos fazer grandes cousas se nos inflammar mais o amor da Pátria, que o amor de huma Filosofia desorganizadora, que perdida em Theorias de hum Bello ideal, que he incompativel com a condiçaõ humana, póde alterar, ou talvez haja alterado a nossa natural nobreza, ou nossa antiga virtude.

O mérito de hum livro, naõ consiste em o número das paginas, e ha Livros de quem se póde dizer o mesmo que dizia Estacio do Herce Tydeo, pequeno de corpo,

Maior in exiguo regnabat Corpore virtus.

Mui pequeno volume tem o *Enchiridion* de *Epicteto*, e encerra em si quanto em si tem to-

da a Moral Filosofia, e o pequenino Livro de Balthazar Castegioni, cujo titulo he = *O Cortezaõ*, = contém mais princípios de illustrada Politica, que todas as Constituições dos Publicistas do passado Seculo. Revendo agora este esquecido Poema o descubro taõ farto de cousas substanciaes, taõ ataviado de enfeites Poeticos, que me obriga a consentir em huma segunda impressaõ, naõ para gloria minha, mas para beneficio alheio; desejando ao mesmo tempo augmentar na Posteridade as próvas de que amei a Pátria sem interesse, [pois que podia eu esperar de hum triste Mestre de hum pobre Caique do Algarve?] de que naõ lisongeei a soberba dos Grandes, e de que naõ tive outro Idolo mais que a Virtude, fosse qual fosse a condiçaõ em quem a encontrasse.



A Viagem portentosa, que o Tenente da Armada Real e Cavalleiro da Ordem de Christo, Manoel de Oliveira Nobre, se atreveo a fazer, atravessando o Oceano na sua maior extensão em hum pequeno Caique, he huma das acções, que furaõ E'poca na Historia Naval. O motivo desta acção he ainda mais glorioso para os Portuguezes que a mesma acção. Em toda a Historia de Roma se não póde marcar hum facto, que pró-ve mais heroico Patriotismo, mais honra, mais lealdade, e mais virtude. Manoel de Oliveira Nobre he hum homem de huma coragem desusada, de huma constancia inflexivel, e de huma intrepidez a toda a próva: só hum animo semelhante poderia emprehender em hum Caique taõ arriscada viagem. Eis-aqui hum effeito do amor da Pátria, e da verdadeira adhesão ao Throno

do nosso legitimo Imperante , e hum exemplo raro de fidelidade no meio do Seculo da corrupçãõ , e do imperio dos vicios , e bem capaz de envergonhar , e confundir muitos ingratos á infatigavel liberalidade e boa graça do Principe Regente Nosso Senhor , que os encheo de tantos beneficios. Hum homem atégora incognito entre o vulgo , acompanhado de outros intrépidos , por meio de evidentes perigos , se expõe á morte para levar a S. Alteza , que Deos nos guarde , a grata nova da Restauraçãõ da Monarchia taõ felizmente começada no Reino do Algarve : eu me consolo na mágoa de o naõ ter acompanhado , porque o naõ soube , com o prazer , ou com o dever patriotico de publicar esta acçãõ , que augmenta o catalogo dos rasgos maravilhosos da fidelidade Portugueza , e desta maneira a salvo do esquecimento , em que outros muitos tem ficado sepultados ou por incuria dos Escriptores , ou pela natural magnanimidade dos Portuguezes , que , pagos da consciencia das grandes acções , morrem com ellas sem curar da Posteridade , de que se fazem senhores quando as praticaõ. Em Portugal nunca faltáraõ talentos capazes de escreverem ditos , e factos memoraveis , como Valerio Maximo , e de eternizarem as vidas dos Varões Illustres , como as eternizáraõ Plutarcho , e Cornelio Nepos ; mas naõ sei que

indolencia os conteve, talvez que a invencivel inclinação, que temos de admirar mais os Estrangeiros que os Nacionaes, nos torne insensíveis ás grandes proezas que temos obrado. A fatalidade do Seculo, em que existimos, parece nos condemna a maior e mais triste silencio; e huma das maiores desgraças, que nos causáraõ os insignes ladrões e perturbadores do genero humano, que intentáraõ nossa anniquilação, foi obrigar-nos a fallar delles: desejava ver abollida esta mania, e sepultada para sempre taõ atroz lembrança; e que aprendessemos a nos estimar a nós mesmos, conhecendo-nos em nossos antigos Escriptores, e admirando as acções de nossos Avoengos, celebrando as nossas, e persuadindo-nos que somos huma Nação, que obrou grandes cousas, e que he capaz de obrar ainda maiores, o que se próva com o exemplo da presente viagem, vendo nella que a corrupção Franzeza nos não tem contaminado tanto, que nos não mostremos Heróes, quando a Pátria o pede. Bom seria que algum dos grandes Engenhos, que entre nós existe, se determinasse a escrever a nossa Historia Naval desde a primeira época de nossos immortaes descobrimentos. Se o meu talento iguallasse o amor e zelo, que tenho pela minha illustre Nação, e gloriosa Pátria ha muito que teria tomado esta empresa; e o meu Patricio, Jacintho

Freire de Andrade, teria hum successor, e hum continuador: entaõ appareceriaõ factos muito análogos ao presente, e todas as Nações cultas, assim como nos invejáraõ entaõ, nos admirariaõ agora; mas isto saõ vãos desejos; porque tudo está sepultado em huma baixa e vil tristeza, e apagado o sentimento, e amor da Litteratura. Eu entrarei pela sombra do túmulo com a mágoa inconsolavel de vér que muitos se pejaõ, e envergonhaõ da Litteratura pátria, e que se pagaõ unicamente dos superficiaes conhecimentos, que agora apparecem na lingua Franceza, cuja prática, e ensino tomára vér abolido, e desterrado de Portugal, fechando-se para sempre a entrada a seus livros pestilenciaes, arrancando-os das mãos da juventude, que só desta arte se lhe póde introduzir a moral no coração, e considerar-se como hum crime civil a pronunciação de huma só palavra Franceza. [1] Se o odio podesse ser huma vir-

[1] As ultimas frases que terminaõ este discurso saõ hum desaffogo da mágoa que nos causáraõ os estragos da Pátria pela primeira invasão dos Francezes; mal cuidava eu na que nos arruinou de todo em 1810! Os Francezes foraõ instrumentos passivos de que entaõ se servio a Seita para agrilhoar o Mundo. Elles o conhecèraõ e por isso os ouvinos detestar as Revoluções.

Este pequeno Poema está cheio de grandes bellezas, e o *Mulrado* meu perseguidor em huma Satyra que con-

*tude, só quem com toda a alma aborrecesse os
Francezes mereceria o nome de Portuguez, e de
virtuoso. [1]*

tra mim imprimio em Inglaterra o abocanha entre muitos neste seu verso

„ *Poema em que o Heroe não diz palavra.* „

Como se em hum Panegyrico que a alguém se consagra costumasse este alguém fallar alguma cousa!! Desde esta época até ao presente anno de 1823 ainda o *Maldado* não deixou de perseguir-me, e insultar-me.

[1] Por não sahir differente esta da edição primeira, se conservaõ estas agras expressões, que hoje teriaõ pouco ou nenhum lugar.



O NOVO ARGONAUTA.

P O E M A.



DE hum feito illustre a perennal Memoria
 Vale mais que hum thesouro, e mais que o Mundo;
 He da Virtude o prémio, he recompensa;
 E he dos grandes Heróes a palma, e louro,
 Com que do Fado, e Morte as leis quebrantaõ.
 Mas quem digno será de hum nome eterno?
 Quem tem jus á memoria, e jus á fama?
 Acaso o raio da sanguinea guerra,
 Assombro dos mortaes, e seu flagello,
 Que no exterminio; nos estragos busca
 Seu nome eternizar, subir ao Templo
 Da Gloria, e da Virtude, em quanto a Terra
 De sangue deixa, e lagrimas coberta?
 Dos homens na lembrança existe o nome

De Alexandre , e Pompeo , de Mário , e Cesar ;
 Saõ lembrados dos seculos , quaes lembraõ
 Diluvio assolador , Contagio horrivel ,
 Que fez de Reinos , e Provincias , ermos.
 Naõ saõ dignos da fama esses , que o Mundo
 Trazem na confusaõ , no horror , no susto ;
 A quem louca ambiçaõ deslumbra e céga ,
 E cujas plantas os vestigios deixaõ ,
 Que deixa a tempestade , e o raio acceso ,
 Quando rompendo acasteladas nuvens
 Em pomposo edificio o fogo entorna ,
 Onde s'erguiaõ porticos soberbos ,
 Onde vastos salões , doirados tectos
 Descobre a vista attonita , e confusa
 Entre sulfureo fumo ardentes cinzas.
 Nas mesmas cinzas sepultar-se deve
 O nome infausto dos Heróes da guerra.
 Naõ sei prostituir o dom das Musas ,
 A quem da Natureza ultraja os fóros ,
 E contra a propria especie empunha o ferro.
 Só com feitos illustres e famosos ,
 Que a virtude inspirou , e amor da Pátria ,
 Se acquire o jus á fama , o jus ao nome.

Parabens , Portugal , qu'entre teus filhos
 Nunca a pro genie dos Heróes se acaba :
 Os mesmos inda saõ , que outr'ora as Quinas

Foraõ erguer no Indo, erguer no Ganges.
 Os mesmos inda saõ, que o mar, e o vento,
 As tempestades, os tufões vencêraõ:
 Que, naõ cabendo nos confins do Téjo,
 Illustres Cidadãos do Mundo, foraõ
 Seu Reino dilatar té donde surge
 Do berço apavonado a roxa Aurora.
 Os mesmos inda saõ, que as mais remotas
 Nações com laço estreito unir soberaõ.
 A quem naõ pode obstar do turvo Oceano
 A medonha extensaõ, e o cégo abysmo;
 Que em Lenho nadador dobrar soberaõ
 A insuperavel méta, em que se oppunha
 A' força dos mortaes a Natureza.
 Sagres [1], tu viste o vencedor primeiro
 Do horrído Bojador deixar teu porto,
 Ir em fragil Batel vencer-lhe a furia.
 Argonauta Gileannes, se teu berço

[1] Em Sagres começáraõ as primeiras tentativas dos espantosos descobrimentos, que eternizaõ, e abençoaõ a memoria do Infante D. Henrique. Estendêraõ-se primeiro pela Costa Occidental da Africa até ao Cabo de Naõ, e Bojador. Julgava-se como impossivel sua passagem, e tinha dado lugar ao proloquio: Quem passar o Cabo de Naõ, ou tornará ou naõ. Mais de huma vez mandou o Infante seus melhores Pilotos, que tornáraõ sem ultimar a empreza, até que hum Marinheiro natural d'Olhão, em huma pequena Barca, se atreveo a passar o Bojador, engolfando-se tanto no mar para evitar a corrente das aguas,

Fôra a grande Albion, que Estatua, e Busto
 As mais soberbas praças lhe adôrnárao!
 A Hollanda a levantou ao que primeiro
 Foi pescador do pequenino Arenque.
 E como a Historia, a Poesia houvêrao
 Levado o nome teu da Fama ao Templo!
 Hoje nos versos meus o roubo ao Lethes;
 E a par do teu, do portentoso Dias
 Tambem o nome illustre aos Astros levo:
 Lagos o vio sahir no Lenho ovante.
 O mais perfeito dos Monarchas todos,
 O segundo Joaõ, na Lusa Terra
 O Sceptro entao pacifico empunhava;
 De seus grandes Avós pizando a estrada,
 As portas quiz abrir do acceso Oriente,
 Dias o Cabo austral dobrou primeiro,
 [1] E vio primeiro a Adamastor a frente.

que houve vista do Cabo das Palmas até chegar defronte da Serra Leoa; chamava-se este Marinheiro Gileannes; a este homem incognito se devem tao vastas possessões por toda a Costa d' Africa, que depois se adiantárao ainda mais, até que Diogo Caõ, tambem Algarvio, descobrio o Reino de Congo.

[1] Bartholomeu Dias natural de Lagos por mandado de D. Joaõ o II. se aventurou a descobrir, e a passar o Cabo da Boa Esperança; e segundo as instrucções que levava deixou na Terra de Natal, e junto á Aguada de S. Braz aquelles padrões, que depois achou o Conde Almirante D. Vasco da Gama, quando no anno de 1497,

Deixou lá seus padrões marcando o triho,
 Por onde hum filho teu, Silves, devêra
 Ir erguer no Industaõ pendões de Lysia.
 Berço de Heróes, Algarve, inda não falhaõ
 Em ti do mar illustres vencedores!
 Talvez ignore o frígido Tamisa,
 E o Sena transformado em sangue e luto,
 Que o Atlantico mar banhe a pequena
 E mal sabida Olhaõ: he esta a Pátria
 Do novo Heróe, do vencedor dos mares
 Co'as frageis armas d'hum Batel pequeno;
 Cuja façanha audaz deixa esquecidos
 De Americo, e Colombo o nome, e os feitos.
 Impávido mortal, sem medo á morte,
 Ousou, que assombro! do profundo Oceano,
 Onde em mór extensaõ seu Reino ostenta,
 Cortar as vagas túmidas, e bravas.
 Não conduzido em Lenhos alterosos,
 Onde a raiva mortal das éneas boccas
 Com medonho trovaõ vomita a morte;
 Mas em debil Caique [1] a quem do vento

levando comsigo o grande Astronomo Pedro d'Alenquer, e o Piloto Joaõ de Coimbra, que tinha os roteiros de Bartholomeu Dias, descubrio a India.

[1] Todos conhecem o tamanho, e a construcção de hum Caique; não he precisa muita prudencia para se não arriscar nelle em huma viagem do Algarve para Lisboa

Podéra hum sopro sepultar no abysmo.
 Onde apenas sulcando ao longo a Costa,
 Nem Zargo [1] indagador se engolfaria,
 Tanto no vasto mar, que a doce terra
 Perder da vista espavorida ousára.
 Quem, magnanimo Heróe, té agora ignoto,
 Quem te anima e conduz? Acaso a sede,
 A infausta sede do metal luzente,
 Fonte antiga de crimes, e desgraças,
 Que outr'ora fez sahir da praia Hesperia
 O façanhoso Almagro [2], que profana
 Primeiro o vasto mar, depois a terra;
 Para arrancar-lhe do profundo seio
 Desgraçada riqueza? Acaso vôas
 Por cima dessa líquida campina,

em tempo de Inverno, e nesta embarcação se aventurou o grande Piloto Manoel de Oliveira Nóbre a passar o Oceano, e chegar ao Rio de Janeiro. Caso unico na Historia Naval de todos os Póvos.

[1] Joaõ Gongalves Zargo descobrio a Ilha da Madeira nos dias do Infante D. Henrique, mas navegando em huma Caravella.

[2] Diogo de Almagro foi hum dos mais ferozes, e extraordinarios Hespanhoes, que passáraõ á America no tempo dos descobrimentos, e conquistas. He bem conhecida a horrivel dissençaõ entre os Almagros, e Pizarros; este homem ferocissimo sahio de Palos em huma pequena embarcação, chegou com espanto de todos á Ilha de São Domingos, e foi tomar o commando dos Hespanhoes no Perú; dalli emprehendeo a conquista do Chili no anno

Que a vista crê que ao Ceo se apega sempre,
 Novas terras buscar, ou novo Imperio,
 Qual foi pelo pacifico Oceano,
 Cook atrevido inquietar tranquillos
 Homens da Natureza? Ou vaõ capricho
 Acaso te livrou de vêr quaes eraõ
 Os costumes, e as leis de estranhas Ilhas,
 E de que plantas a fecunda terra
 Debaixo d'outro Ceo se cubra, e vista,
 Qual já foi La Peirouse, a Deos-eterno
 Dizendo ao doce lár, dizendo á Europa?
 Em ti foi só Virtude; e se hum renome
 Merece a tua acção, mereee altares
 O motivo da acção. Régulo expira,

de 1534, e passou a Cavallo as Cordilheiras, ou Andes, as mais altas montanhas do Globo, que formão huma cadeia de mais de 1200 leguas de extensaõ desde o Istmo de Panamá até ao Estreito de Magalhães, e separaõ o Perú do Chili correndo de Norte a Sul. Zarate na Historia da Conquista do Perú Livro III. Cap. II. nos diz, que quando o terrivel Almagro passou estas montanhas, lhe Morreraõ de frio muitos dos seus soldados; e quando as repassou cinco mezes depois na força do Estio, achou seus corpos ainda de pé encostados aos rochedos conservando os cavallos pelas rédeas, e taõ frescos como se antes poucos momentos houvessem expirado, cuja carne, diz o Historiador Hespanhol, servio de sustento a Almagro, e aos outros Soldados que o acompanhavaõ. A causa desta incorruptibilidade he inteiramente fysica. Estas montanhas, pela sua excessiva

Por sustentar hum juramento dado :
 Curcio se arroja na voragem funda ,
 Julga salvar a Pátria ; e não fizeraõ
 Quanto fizeste tu. Pôde em teu peito
 O amor da liberdade , o amor do Throno ,
 Tanto , que ousaste aventurar a vida ,
 Indo bradar á America assustada ,
 Que o grilhaõ se quebrou , e a vil Cohorte
 Dos assassinos Vandalos fugíra.
 E que a Pátria de Heróes , o Algarve pôde
 [1] Primeiro agrilhoar-lhe a cerviz dura ;
 Primeiro erguer da liberdade o grito.
 Foste entornar no virtuoso peito
 Do Magnanimo Principe em torrentes
 Consoladora paz , doce alegria.
 Foste dizer que a tricolor bandeira
 Cahio desfeita c'o tremendo golpe ,
 Que o Dragaõ Luso desfechou das garras.

elevagaõ , saõ inaccessiveis á chuva , e ao calor , principio da putrefacçaõ nos corpos organizados.

[1] O primeiro grito de nossa liberdade , e restauracãõ soou no Algarve. A pequena Revoluçãõ , começada na praia de Olhaõ , se derramou por todas as Cidades , e Villas daquelle Reino , e tomou sua verdadeira consistencia pelas sábias e muito politicas disposições do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez d'Olhaõ , hoje hum dos cinco Governadores do Reino. O Marechal José Lopes de Sousa teve huma grande parte nesta accãõ

Que a Pátria respirou , que a nuvem densa
 Da tristeza , e de horror se dissipára.
 Que as abundantes lagrimas vertidas
 Na já serena face , se enxugáraõ.

Mas quando na tua alma o grito ouviste ,
 Que te dava a Virtude , e o graõ projecto ,
 Teu coração pulsou , quando pizaste
 De Olhaõ as praias húmidas , e foste
 Teu Batel demandar , naõ viste os filhos ,
 Que para ti seus braços estendiaõ ?
 Naõ lhes ouviste a voz trémula e froxa ,
 Com que te chamaõ Pai ? E naõ suspendes
 A taõ triste espectaculo teus passos ?
 Virtude pôde mais que a Natureza ;
 Que o paternal amor mais pôde a Pátria.
 Homem raro , e sublime , ah ! tu disseste ,
 Antes que eu fosse Pai , nasci Vassallo :
 Mais que aos filhos , á Pátria a vida eu devo ;
 Já suffocaste a voz da Natureza ;
 Mas naõ te espanta vêr , que dubia estrada
 Tens de seguir no pequenino Lenho ?
 Sabes que o Porto , que demandas , fica
 No opposto Continente , e que dos olhos

gloriosa , e que occupará hum digno lugar nos Fastos da
 Monarchia Portugueza.

Te ha de fugir o lúcido Cruzeiro ?
 Acaso ignoras que na justa Linha,
 Que em porções taõ iguaes divide o Globo,
 Te espera a tempestade, horrenda, e fêa,
 O trovaõ bramidor, e o raio acceso ?
 O crepitante horrisono chuveiro,
 E a suffocante, e triste calmaria,
 Que no espelhado mar teu Barco prenda ?
 Que dentro, e fóra revoando a Morte,
 Ora ás mãos da doença, ora da fome,
 Te quebre o fio da mortal carreira ?
 Tu não vês que mal póde o fragil Lenho
 As furias contrastar do vento irado ?
 Que bem póde o Tufaõ caliginoso,
 Senaõ metter-te no profundo abysmo,
 Levar-te a seu sabor a hum clima estranho,
 Onde teu nome sepultado fique,
 Nome taõ digno de existir na Terra ?
 Não vás, não vás, Heróe, qu'em grandes feitos
 Basta a vontade, para ser eterno.
 Já déste o nome á Patria, a Lusa Historia,
 Ao tempo que he por vir, dirá qu'existe
 Olhaõ, que o berço déra ao Genio illustre,
 Que ousou dizer aos homens assombrados
 Que em pequeno Caique ao Mundo iria,
 Por tanto tempo incognito aos humanos:
 Onde se esconde o Sol, onde o Monarcha,

Que as furias illudio do infausto Monstro ,
 [1] Que hoje o Danubio c'as voluveis ondas,
 Já prostrado huma vez, anceia, e aperta,
 Conserva a independencia, a Pátria, o Throno.
 Suspende-te, não vás, tens feito tudo:
 He tua a Gloria, eterno o teu renome.
 [2] Acaso és Cesar tu, que julga nada
 O que tem feito c'o valente braço,
 Se alguma acção heroica inda lhe resta?
 Acaso tu suppões, qual elle outr'ora,
 Quando em pequena barca o mar talhava,
 Que d'alta Hesperia o Illyrico divide,
 Que a Fortuna a teus pés preza conservas?
 Nada suspende hum animo constante.
 Nada sabe temer quem busca a gloria,
 Pelos caminhos da Virtude austéra.
 Forra-lhe o peito triplicado bronze
 Impervio ao susto, que se apossa d'alma
 Em vêr do mar azul o campo immenso,
 Em altas serranias transformado.
 Chega o momento, a recurvada praia

[1] Hoje 25 de Junho de 1809 se annunciou na gazeta de Hespanha a derrota do Exercito Francez junto a Vienna a retirada de Bonaparte a huma Ilha do Danubio. Este acontecimento, marca a época desta composição. (O contrario se vio depois.)

[2] *Nihil actum reputans, siquid superesset agendum.*
 — *Cacsarem vehis.* —

Toda de Povo attonito se cobre ,
 [1] Qual de Rastelo pela molle areia
 Da Real Olisippo o immenso povo
 N'outras éras se vio , quando o terrivel
 Gama , largando a véla ao solto vento ,
 Foi demãdar da Aurora o berço intacto.
 As retorcidas ancoras suspende
 Co'a naõ trémula maõ , da branca véla
 Elle as prizões soltou , e immovel sempre
 Aos ólhos nem sequer lhe assoma o pranto.
 O ligeiro Baixel já corta as ondas ,
 Hum longo e branco sulco atrás deixando ,
 Pôs no escuro Occidente a altiva prôa.
 E quando á vista se roubou de todo ,
 E os fitos olhos de o buscar cançáraõ ,
 Nem já , qual ponto escuro , apparecia
 N'Horisonte do mar , que amargo choro
 Se ouvio soar nos montes sobranceiros
 A' líquida planice ! as Mães , e Esposas ,
 Desgrenhando o cabelo , aos Ceos alçáraõ
 Mavioso grito , que a Celeste Guarda
 Em soccorro chamou. Prendem-se os ventos ,
 Brilha sereno o Ceo , calaõ-se as ondas.

[1] No momento da partida do Vasco da Gama se observou na praia de Rastelo [hoje Belém] hum espectáculo de todo novo na Europa. Os parentes, os pais, os amigos dos que embarcavaõ envoltos em lagrimas e

Seja-lhe o mar propicio , e as furias guarde ,
 Guarde a morte as horrisonas tormentas
 Para os monstros crueis , que nutre a Gallia ,
 Que enchendo a Terra de fataes estragos ,
 Inda a céga ambição pequena a julga
 Para theatro do sanguineo Marte :
 E entre as ondas buscar vai novo campo ,
 Onde entregue mais victimas á morte ,
 Pondo-se frente a frente em curvos lenhos ,
 Co'as negras boccas imitando ousados ,
 No estampido o trovaõ , no golpe o raio.
 Este Heróe leva a paz , naõ leva estragos ;
 Vai enxugar as lagrimas de tantos :
 E no seu coração conduz a Pátria ,
 Das almas nobres , nobre electricismo ,
 Nume de hum Povo Rei , que ao Tybre outr'ora
 Fez curvar de respeito o turvo Oceano ,
 Da mortal vida o circulo alargando
 Acções obrou , que a humanidade illustraõ.

[1] A Princeza do mar , que a altiva fronte

no silencio da obstupefacção sobre huma viagem taõ incerta ; a melhor passagem da Lusíada he a prosopopéa do Velho.

[1] A primeira derrota , que seguiu o grande Piloto Manoel d'Oliveira Nobre , foi a da Ilha da Madeira ; aqui se refez d'agoa , e mantimento para a longa navegação , e levou comsigo hum Joven Piloto , que tinha já

De vicejantes pámpanos corôa ,
 Se mostra ao longe ao Nauta naõ turbado ;
 Leva o ignoto Baixel prodigios dentro ,
 Que d'alto assombro os Incolas enchêraõ
 Da viçosa Madeira. A's praias correm
 Arqueado o sobrolho , a bocca muda ,
 O graõ prodigio extaticos admiraõ.
 Mal o confuso espirito acredita
 A nova scena , que descobre a vista.
 Solta de novo ao vento a larga véla ,
 E o remoto Brazil o Heróe já busca :
 Nunca delle trilhado incerto campo.
 Aos olhos imperterrato se mostra.
 O giro segue ao Sol , e mal segura
 Estimativa na derrota segue.
 He seu fanal heroica alta virtude ,
 Indomavel esforço , amor da gloria.
 He-lhe incognito o mar , qual se mostrára
 Do guerreiro Cabral outr'ora aos olhos ,
 Que do acceso Equador cortando o clima
 Nova estrella Pollar no Sul descobre ,
 E a fúlgida Corôa em Ceo naõ visto.

feito a carreira da India , lembrando-se , como elle mes-
 mo me disse , que poderia adoecer , ou morrer , e neste
 caso conservar a existencia dos que comsigo levava , que
 como pescadores d'Olhaõ nunca tinhaõ perdido de vista
 as Costas de Portugal.

Entaõ toldado o líquido Horisonte.
 De acasteladas nuvens, brame o vento,
 Sò a rouco trovaõ, lança a tormenta
 Sobre hum mar outro mar, sorvem-lhe as ondas
 O convulso Baixel, de novo aos ares
 As encruzadas ondas o vomitaõ :
 Em horrida peleja os Elementos
 Em cada vaga a sepultura mostraõ.
 A prematura noite os Ceos envolve
 N'huma espantosa escuridaõ, e apenas
 Ao fuzilar do rápido corisco,
 Mostra-se o Mundo repentino, e foge.
 Nem onde existe sabe o Heróe valente :
 He ludibrio das ondas, e dos ventos.
 Em quanto sôa a negra tempestade,
 Sem que hum palmo de véla aos ares most:
 Implora a Providencia, e na justiça
 Da nobre causa as esperanças firma.
 Té que quasi ao romper nos Ceos a Aurora
 Hum da companha intrépida lhe bráda,
 Que vê mais claro o mar, e ondas mais brandas,
 Quaes junto á Costa as agoas se prateiaõ ;
 Mas quando o Sol surgio, que assombro, e susto
 Do navegante audaz quebranta o peito !
 Naõ longe a Terra vio, e estranhos montes
 D'entrelaçadas arvores cobertos :
 A terra naõ conhece, eis se lhe mostra

Boiando ao longe rápida canôa,
 Que mal divisa o combatido Lenho,
 Vem de voga arrancada ao fragil bordo.
 Entaõ sabe dos negros remadores,
 [1] Que da agreste Caiena as agoas corte;
 Foge á terra cruel, e á praia avára
 O' Nauta invicto, que os feroces Tigres
 Inda pizaõ seu barbaro terreno;
 Inda que o raio Portuguez já vôa.
 A fazer-lhes sentir pezados golpes.
 Tens descoberto a America buscada;
 Demanda agora o suspirado porto,
 Fim da fadiga tua, e teus desejos.
 Eis nova Empreza, e desusado arrojo
 Correr ao longo no pequeno Lenho
 A vasta Costa do Brasil inteiro!
 De alto louvor hum peito cobiçoso
 Naõ receia os vaivens da instavel sorte,
 Nem ha fragosa estrada ou invio atalho,
 Que naõ possa vencer Virtude, e Pátria!
 Volve a prôa outra vez; se o vento falha,

[1] Como o Piloto Manoel d'Oliveira Nobre naõ era prático na carreira do Brazil, e tinha deixado em Lisboa as suas Cartas Hydrográficas, dirigia-se por huma estimativa muito incerta, sendo seu maior cuidado observar a direcção das correntes do Oceano, e dirigir o rumo do Caique conforme estas correntes. A primeira terra que avistou, depois de hum grande temporal,

Se as lisongeiras auras escacêãõ ,
 Varrem o mar c'os alutados remos.
 Elle o timaõ dirige , e anima a todos
 Só c'hum volver dos olhos onde assoma ,
 Virtude , intrepidez , e amor da gloria.
 Acha tranquillo o mar , galerno o vento ,
 Té que entestou c'o penhascoso marco ,
 A natural pyramide , que sobe
 Do fundo seio aos ares dilatados
 Na foz do quasi anfitheatro immenso ,
 Que mostra aos olhos o Real Janeiro.
 Entaõ despréga da boiante poppa
 O Estandarte fatal , onde esculpidos
 Vaõ os signaes da Redempçaõ do Mundo.

Hei mister outra voz , éstro mais alto ,
 Outro fogo que escalde a fantazia ;
 Outros pinceis insolitos que tracem
 O desusado quadro. Apenas sôa
 [1] A voz da Fama nos doirados Paços ,

foi a Caienna entaõ Franceza , tornou a fazer-se ao lar-
 go e buscar a altura de Pernambuco onde aportou ,
 vindo depois com penosa viagem ao longo de quasi to-
 da a Costa do Brazil demandar o Rio de Janeiro.

[1] O Piloto Manoel d'Oliveira Nobre foi recebi-
 do no Rio de Janeiro com aquellas demonstrações , e
 applausos que merecia huma acçaõ taõ heroica , inspi-
 rada pelo Patriotismo , e por elle conduzida : acçaõ de
 que se não acha hum só exemplõ , quando se considera

E do Monarcha enternecido á vista
 Taõ estrauho' espectaculo se mostra,
 E o vacillante Barco as praias toca;
 E desde a poppa o triunfante Nauta
 Alça a voz, e annuncia a liberdade,
 E da Pátria o grillhaõ quebrado e roto.
 Nunca no peito humano affectos tantos
 Entráraõ de huma vez! D'hum lado, assombro
 De vêr domado o tímido Oceano,
 Vencida a estrada perigosa, immensa
 Por hum mortal, que as ondas assoberba
 Em taõ pequeno Lenho; e d'outro lado
 Da libertada Pátria a imagem doce,
 Dos Vassallos o amor ao Throno Augusto,
 Com caractéres immortaes expresso
 No graõ Navegador, que ao Soberano
 Da victoria immortal conduz o brado,
 E a scena expõe da mísera derrota
 De avarentos, cobardes oppressores.

a pequenez da Embarcaçaõ, em que este grande homem se atreveo a passar o Oceano na sua maior extensaõ. Foi recebido por S. A. o P. R. N. S. com muita satisfacaõ, por entre vivas, e admiracaõ da Corte: foiz condecorado com a insignia da Ordem Militar de Christo, e com a Patente de Tenente da Armada Real, e seus companheiros igualmente condecorados com huma medalha de honra ganhada em huma accaõ, que assombra a presente idade, e assombrará a futura.

Os Britannos magnanimos observaõ
Do Nauta patriota a audaz façanha.
Como potentes árbitros dos mares,
E a quem naõ resta incognito hum só clima,
Com carregada sobancelha admiraõ
A portentosa audacia, que obscurece
Quanto em seus Fastos a naval Historia
De grande e memoravel apregõa:
He mais vadear o tímido Oceano,
Onde mór extensaõ divide os Mundos
N'hum estreito Caïque apenas apto
A' pescaria litoral, que a volta,
Que Dracke [1] deo primeiro ao mar, e á terra,
Em artilhadas Náos; e he mais que o longo
Giro, que fêz no mar em Lenho altivo
Anson, que as armas leva ao Mundo opposto.
Tudo o que vêm no illustre navegante
Britanno se lhe antolha: o amor da Pátria,

[1] O primeiro circumnavegador entre os Inglezes foi o Almirante Francisco Dracke, que embocando o estreito já descoberto por Fernando de Magalhães fez o giro inteiro do Globo, vindo para a Europa pelo Cabo da Boa Esperança. O Almirante Anson he tambem hum dos famosos navegadores Inglezes antes de Cook, a quem Buffon chama o maior de todos. Anson fez o giro do Globo, porém o motivo da sua longa viagem foi puramente politico e militar. Faz muitas descrições de diversas paragens, e mostra nas suas viagens, que naõ só he bom navegante, mas bom observador.

O desprezo da morte, incontrastavel
 Peito, que affronta as lúgubres tormentas;
 Que julga lár tranquillo, e doce alyergue,
 O que he da morte, e dos tufões imperio;
 Britanno não he só; que a Lusa Terra
 Tambem he Pátria das acções sublimes.
 Foi seu do vasto mar primeiro o Imperio:
 E se o Tamisa triunfante estende
 O nautico Tridente aos fins do Globo,
 Ao Luso deve o trilho em vaõ tentado
 [1] Antes d'outra Nação. Se foi Colombo
 Descobrir remotissimas Antilhas,
 De hum Nauta Portuguez segue o roteiro;
 Escondido depósito, que a morte
 Deixou nas mãos do Ligure ditoso.

[1] Christovão Colombo Genovez, e nativo de Savona, segundo dizem, residio muitos annos em Lisboa, e daqui começou suas primeiras tentativas nos descobrimentos de ultramar. Foraõ rejeitadas na Corte as proposições que elle fazia para o novo descobrimento, passou entãõ ao serviço d' Hespanha, e lá se lhe deraõ as embarcações que pedia. He tradiçãõ entre nós que existindo Colombo na Ilha da Madeira em casa de hum Piloto Portuguez, pela morte deste se apoderára de seus papeis, cartas e roteiros, onde achára a derrota da viagem para o Occidente, e de que se servira no seu descobrimento. Outros dizem que devêra as mais importantes instrucções para esta grande empreza a hum Piloto Biscainho, que em companhia de alguns Portuguezes, levado de hum grande temporal, houve primeiro vista da Ilha da Cuba.

[1] Se Cadamosto intrépido se entranha
 Mais pelo escuro occaso, e o Continente
 Dos desgraçados Incas vasto Imperio,
 Primeiro demandou; da foz do Téjo
 Sahio no curvo Lenho, e a Luso esforço
 Deve a conquista, deve a descoberta.
 E Americo tambem, qu'a hum Mundo ignoto,
 O nome seu foi dar, queinda conserva,
 Deixando as praias do ceruleo Téjo,
 Piloto Portuguez conduz seus vôos.
 De Lysia he producção, de Lysia estudo,
 O seguro Astrolabio, o certo Oitante,
 Na immensa solidaõ do mar fremente,
 Fanal, que aclara a sombra, e marca a estrada.
 Das ondas mede os Ceos, e observa os Astros;
 Do Sol conhece a altura, e conta os passos;
 E sem falhar no líquido caminho,
 Ao menos marca ao certo a Latitude.
 Lusitanos Hebreos, e o Grande Henrique [2]

[1] Jeronymo Cadamosto veio tambem a Portugal, e guiado de Pilotos Portuguezes fez seus descobrimentos de tanta utilidade para Castella. Americo Vespuzio Florentino viveo, e morreo em Portugal, e está sepultado na Sé de Lisboa. Não se atreviaõ a navegar, e descobrir, sem Portuguezes.

[2] O Infante D. Henrique, a quem Portugal, e o Mundo devem tanto, fundou em Sagres huma Escola para facilitar aos navegadores os meios de fazerem desco-

Primeiro o rumo aos Nautas acertáraõ,
Sobre a carta naval traçando as linhas
Entre si paralellas, e cortadas :

brimentos pelo Oceano. Depois que seu Pai D. João I. conquistou Ceuta começáraõ os navegadores Portuguezes a se estender pelas Costas de Africa. O Infante tinha consigo dois Mathematicos Hebreos. [Mestre José, e Mestre Rodrigo.] Foraõ elles os primeiros que construíraõ Instrumentos, com os quaes os Pilotos se pudessem conduzir em mar largo observando os Astros. As nossas Historias, que desprezáraõ sempre a parte litteraria, e scientifica da Naçaõ, não nos dizem que Instrumentos eraõ estes; sómente declaraõ que o Infante dera aos Pilotos muitos Instrumentos para tomar e determinar a latitude; sei que entre elles se contava o Astrolabio e Nocturlabio. Este ultimo servia para determinar quanto a Estrella do Norte andava mais baixa, ou mais alta que o Pólo, e que horas eraõ da Noite. Com o Astrolabio se tomava a altura dos Astros. Eraõ sem dúvida defeituosos estes Instrumentos no seu principio; mas he hum grande brazaõ para os Portuguezes, que o latrocínio e orgulho Francez tratou ha pouco de estúpidos, terem imaginado meios de resolver os mais difficultosos Problemas nauticos, pois he indubitavel que a invençaõ do Astrolabio e Nocturlabio he puramente Portugueza, e isto no tempo, em que os Francezes e Inglezes viviaõ envoltos nas trévas da mais grosseira ignorancia e barbaridade. Os navegadores Portuguezes animados e illustrados com estas Instrucções corrêraõ, e conquistáraõ toda a Costa da Africa, descobriáraõ a America, e abríraõ a desejada passagem para as Indias Orientaes. Os primeiros successos dos Pilotos do Infante D. Henrique satisfizeraõ tanto os Judeos, José, e Rodrigo, que primeiro no Mundo formáraõ o projecto, e concebêraõ a idéa de construir cartas maritimas. Sabiaõ que huma das grandes difficultades em a navegaçaõ era saber q

Arte rude, quaes todas no comêço,
 Hoje á suprema perfeição levadas;
 Mas deve a origem sua ao Luso engenho,
 [1] E hum Lusitano se lembrou primeiro

rumo, que se devia seguir para chegar ao lugar destinado. As Cartas Geograficas, já entãõ eraõ conhecidas, porém eraõ nullas em a navegação; porque nestas Cartas os Meridianos se unem aos Pólos. Ora neste caso o rumo do vento, ou a derrota do navio, devia cortar todos os meridianos debaixo de hum mesmo angulo. Isto eraõ linhas curvas, e as linhas curvas naõ podem fazer conhecer a derrota que o navio deve seguir. Para salvar este inconveniente os dois Mathematicos, sem o enfasi intoleravel das modernas cabeças calculantes, imagináraõ Cartas, cujos Meridianos fossem em linhas rectas e parallellas, e por este meio os rumos do vento, formados por linhas rectas, cortáraõ todos os Meridianos debaixo de hum mesmo angulo. Suppuzeraõ nesta construcção que o mar era humna superficie plana, sem contar com a diminuicão dos grãos de longitude á medida que se aparta do Equador; diminuicão que provém da esfericidade do Globo terrestre. Esta supposiçãõ era hum erro mui consideravel em humna grande Carta: com tudo naõ se póde roubar aos Portuguezes a gloria da invençãõ. Tudo isto permanece esquecido entre nós. Sempre desprezãmos as proprias riquezas para nos deixarmos embair das missangas estrangeiras: he tal a nossa incuria, ou indifferença que, existindo em Coimbra o famoso instrumento chamado o Nonio, construido por Pedro Nunes, (homem que adivinhou a Astronomia moderna, e que determinou a verdadeira causa dos crepusculos, e Aurora Boreal), como era de bronze, derretêraõ-no, e fizeraõ maçanetas para as grades de ferro da escada do Collegio dos Padres Bentos!!!!

[1] Da Historia Portugueza naõ nos consta desta invençãõ, nem sabemos o nome do seu author. Na Historia

De medir, calcular, que espaço corra
 No solitario mar nadante pinho,
 Invento, que inda segue, inda respeita,
 Douta Europa no seculo das luzes;
 Com taes soccorros, Nautas Lusitanos,
 Foraõ dos mares subjugar o imperio:
 Quando o Bretaõ profundo, e o Gallo ousado
 Naõ se attreviaõ no boiante Lenho
 Doce praia natal perder de vista.
 Foi com elles o Gama além da méta,
 Que nunca atrás deixou nautico esforço
 Colher no Indo, e Hydaspe eternos louros.
 Deixando já vencido, e já domado
 O promontorio austral d'Africa adusta,
 Solio eterno do vento, e das tormentas,
 Que em aureos versos o Cantor do Téjo
 Transformou n'hum Gigante horrendo e feio,
 Que desgraças fataes ao Nauta agoura;

dos progressos do eugenho humano nas Sciencias exactas
 II. vol. pag. 217 se lê que o instrumento se chama a
 Barquinha, e seu author Bartholomeu Crescencio, o sobre-
 nome naõ parece Portuguez; mas os superficiaes France-
 zes saõ miseraveis em escrever os nossos nomes, inver-
 tem e pervertem tudo. Entre n'os esqueceo, assim co-
 mo esquece que o primeiro Aeronauta foi Bartholomeu
 Lourenço de Gusmaõ, que morreo no Hospital de Se-
 villa, e que o primeiro explicador da hypothese de
 Newton sobre o fenómeno das marés se chamava Bento
 de Moura, e morreo no Forte da Junqueira.

Quando abaixando o musculoso braço,
 Donde pëndentes tinha as aureas chavés
 Do lúcido Oriente, ao Nauta ousado
 Submisso as entregou, e avante passa
 Deixando para sempre a estrada aberta
 Aos Heróes, qu'após elle ao Ganges foraõ
 Entre palmas erguer Pendões de Lysia,
 E com brado immortal de illustres feitos
 Encher o Mundo, e despertar a inveja
 Nos Póvos Europeos, e amor da Gloria.
 Quem foi o que animou, e encheo de fogo
 Hum Bougainville a audaz, Cook arrojado,
 Tres vezes a formar do Globo o giro?
 Tu foste, ó Magalhães [1], teu nome illustre
 Adora o tempo, as regiões conservaõ.
 Elle o canal navífrago annuncia,
 Por onde a medo, tacteando as ondas,
 Mal se atrevem passar Baixeis Britannos.

[1] Ninguem ignora o nome de Fernando de Magalhães, natural de Braga, onde inda vivem descendentes seus. Este homem raro, tinha feito a viagem da India; era hum grande observador, e tinha todos os estudos daquella idade, ajudados de grande valor e constancia, que se requer para novos descobrimentos no mar. Por seus serviços e nobreza, pedio mais hum tostaõ de moradia, como tinhaõ os do seu foro, foi-lhe negado este tostaõ, porque na moradia o igualava a outros, que se julgavaõ mais nobres, e maiores que elle. Tomou desta supposta affronta a mais estrondosa vingança, que vio o Mundo:

Magalhães immortal primeiro a volta
 Do Globo inteiro fez , pasmoso esforço ,
 Que excede o vôo das Romanas Aguias ,
 E que do Joven Macedonio mostra
 Ser pequena a ambição , ser nada a gloria !
 Da praia Occidental largando as vélas
 Foi , émula do Sol , a Náo triunfante
 Do Atlantico mar varrendo as ondas ,
 E com propicio sopro a extrema ponta
 Tocou do novo Mundo , ousando a ignota
 Estrada commetter de hum mar , que nunca
 De Lenhos Europeos cortada fôra.
 Tanto o Gama não fez ; e era já visto
 Do graõ Nauta Algarvio [1] a austral baliza ,

desnaturalizou-se , e se passou ao serviço de Castella , offerecendo-se a achar huma passagem pela America para as Philippinas e Molucas , o que conseguiu , descobrindo o estreito que ainda conserva seu nome ; e desembocando por elle no Mar pacifico morreo em huma das Ilhas dos Ladrões ; e a Náo Victoria em que tinha navegado , dando a primeira volta ao Globo , tornou a entrar em Sevilha , donde tinha sahido. Levou em sua companhia hum Astronomo chamado Francisco Faleiro , cuja Pátria se ignora , este aperfeioou o Astrolabio , e mostrou em huma Carta que formára a derrota que devia seguir , e entaõ Carlos V. em Saragoça lhe aceitou a offerta , e lhe mandou as Embarcações que se apromptáraõ em Sevilha.

[1] Bartholomeu Dias tinha passado o Cabo da Boa Esperança no Reinado de D. Joaõ II. e hum dos Pilotos que acompanhavaõ o Conde D. Vasco da Gama , havia ido com Bartholomeu Dias.

E além della os padrões tinha deixado.
E Magalhães intrépido e seguro
 A garganta embocou; de hum lado, e d'outro
 Vê Vulcões vomitando, fumo, e fogo,
 Praias cobertas d'horridos Gigantes,
 O Ceo toldado sempre, e as vagas turvas
 Rebentando em cachaõ; e não recúa
 O feroz Magalhães! Tanto puderaõ
 A vingança e valór! E arfando rompe
 Por entre os braços da tormenta e morte,
 N'Oceano pacífico não visto
 Por Nauta Portuguez, antes que o vento,
 Em furacaõ medonho arrebatado,
 Dos negros mares do Japaõ fizesse,
 Tanto aberrar o memoravel Pinto [1],
 Que se engolfou sem rumo, e sem governo,
 No mar, que banha os Papuás horrendos.
 Já na vasta campina aferra as Ilhas,
 Onde o Fado lhe guarda a morte e a campa.
Em tanto a Náo victoriosa os mares

[1] Fernaõ Mendes Pinto, que podemos considerar como o primeiro viajante da Europa pelo que pertence á Asia, he em tudo hum homem benemérito da Pátria, e digno de memoria e estima universal. A historia de suas peregrinações he hum thesouro de erudição pelo que diz respeito á Asia até áquelle tempo incognita, e á China, de quem temos poucas relações exactas, ainda mesmo contando a descripção do Padre

Corta do China extremo, e desce, e embóca
 O estreito, onde Maláca ao ar levanta
 O muro, que o Malaio inda receia,
 Onde com sangue barbaro escrevêra
 Seu nome, seus troféos da guerra o Nume,
 Albuquerque terrivel. Negros Indos
 Vem depois visitar, e passa ovante
 Em frente do Indostaõ, onde espantosas
 Bombardas soarão, que susto, e morte,
 Tragaõ até do Nilo á fonte, e ás boccas;
 Cujo estampido horrendo o peito assuste
 Do Bosforo ao Tyranno. A Africa ardente
 Eis já descobre ao longe, e de Quilóa
 Adustos areaes, o inhabitado
 Austral Pólo demanda, envolto em sombra,
 A' sôfrega ambição de Cook, impérvio
 Monta e passa o medonho em mar, e em ventos,
 Em tempestades tormentoso Cabo:
 Seguindo o giro ao Sol, onde elle expira;
 Não mais digna do Ceo do qu'Argos fôra,

Du Halde, e a Historia de Martini. Sua lingoagem hé pu-
 rissima e correcta, e talvez seja hum dos primeiros
 classicos Portuguezes. Foi o primeiro descobridor do Ja-
 paõ com Christovão Borralho, e Diogo Zeimoto, e o
 que por força de hum temporal decahiu mais de 600
 legoas da altura do Japaõ para as Costas d'America, e
 chegou ás Ilhas dos Papuás, Celebres, e Mindanús,
 vistas depois por Cook.

Digna do nome de Victoria , afferra
 O porto donde a véla ao vento dando ,
 Vingar fôra huma affronta , achar hum Mundo .

Milagre inda maior descubro em Lysia ,
 Que o crédito excedeo de antigas éras ,
 E que talvez em verso altisonante
 Hoje arranque das mãos do esquecimento .
 Magalhães absolveo do Mundo o giro ,
 Em Náo possante asoberbando as ondás ,
 Deo exemplo ao Britanno , e foi primeiro ,
 He este o seu brazaõ , muitos o igualaõ ;
 Mas Botelho [1] o venceo na audacia , e brio .
 Venceo La Hire e Dávis , que soltando
 Ao vento o leve panno o Globo inteiro
 Ousáraõ circular domando a furia
 D'horrisonos tufões caliginosos

[1] Da portentosa viagem em hum Caique ao Rio de Janeiro vemos hum ensaio em Diogo Botelho Pereira , nativo , como dizem , da Ilha de S. Miguel . Militava na India , sepultura naquelle tempo , como diz Luiz de Camões , de todo o pobre honrado , e achou-se com o Governador Nuno da Cunha na conquista , e entrada de Dio , Praça importantissima no golfo de Cambaia , e Praça que deviamos conservar como Portugueza , ainda que perdessemos toda a India . ElRei D. Joaõ o III. tinha hum grande empenho na conquista desta Praça , que devia ser depois o maior theatro da gloria Portugueza nos dois memoraveis cercos , naõ sendo huma pequena parte desta

Do Pólo austral , que devassar pretendem ,
 Onde altiva Albion pendões levante ,
 E faça ouvir mortíferas bombardas ,
 Qu'ora ao monstro da Gallia as furias quebraõ.
 Mais que todos fizeste , em Lenho exiguo
 Ousaste , Heróe , cortar sem medo á morte
 Quanto se estende pélago profundo ,
 Do seio de Cambaia á foz do Téjo.
 Cahio soberba Dio , e as portas abre ,
 E ao jugo Portuguez submette o collo :

gloria a descripção do II. pela delicada penna de Jacinto Freire de Andrade. Diogo Botelho desejoso de ganhar honra , e satisfazer a ancia do Monarcha , tirou a planta da Fortaleza , armou huma Fusta , que tinha dezoito pés de comprimento , e doze de largura , e seis de altura ; metteo-se dentro com seis escravos seus , e atreveo-se a passar quasi 700 legoas de mar limpo , que ha entre Dio , e Moçambique , veio costa a costa até ao Cabo de Boa Esperança , e dirigindo-se ao longo da terra por toda a Africa Occidental , deo fundo na Ilha da Madeira. Refrescou , e veio a Lisboa ; soube que ElRei estava em Almeirim , e na mesma Fusta foi a Santarem. Foi recebido na Corte com applauso , que merecia taõ grande façanha , e tanto amor da Pátria. Mas tratando este negocio em Conselho , se decidio que era hum caso , que se devia occultar aos Estrangeiros para que não soubessem quaõ facil era a carreira da India. A Fusta foi queimada na bocca de Sacavem onde a encahláraõ , e Diogo Botelho foi sepultado vivo em huma masmorra do Castello , onde existio até ao Reinado de D. Sebastiaõ , cujo coração prezava as acções grandes ; mandou-o tirar da prizaõ , e o fez Governador de Saõ Jorge da Mina , onde , apenas chegou , morreo .

O sangue de Badur [1] já tinge os mares.
 (Naõ he este hum troféo digno de Lysia,
 Nem tu, Cunha magnanimo, devêras
 Murchar com vil traiçaõ teus verdes louros.)
 Desejos de louvor, desejos de honra
 Brotaõ n'alma do intrépido Botelho;
 A' Europa vem trazer da Fama o brado.
 Qual ella nunca ouviu, nem quando ao Tíbre,
 Já visto o Hydaspe, as Legiões tornáraõ
 Do soberbo Trajano; e até nem quando
 Das praias de Abokir em náos possantes
 Bradar veio ao Tamisa a eterna Fama,
 Que o Marte do Oceano, ou raio acceso,
 Nelson, no seio das trementes ondas
 Metteo de Gallia ignívomas montanhas,
 Qual desde o excelso Olympo outr'ora Jove
 Fulminou, destruiu Titania estirpe:
 Esquipa breve Fusta, igual apenas

[1] Sultaõ Badur, Rei de Cambaia, veio visitar ao mar o Governador Nuno da Cunha, que se achava de frente da Praça de Dío. O Monarcha vinha em huma pomposa Almadia acobertada de sedas, e brocados, saltou ao Batel em que o esperava o Governador, e apenas se sentou, Nuno da Cunha fez signal a hum Soldado, que com hum montante lhe fendeo a cabeça até aos queixos. Esta acçaõ deslustrou a gloria de Nuno da Cunha, e talvez fosse a causa das suas desgraças, veio em ferros para Lisboa; morreo na viagem, e seu corpo foi lançado ao Oceano.

Aos ligeiros Baixéis, que o fulvo Téjo
 Cortaõ de hum lado a outro, e vem por cima
 Das do ingente Oceano ondas medonhas
 As praias demandar do Cafre adusto.
 Mil vezes foge o Ceo envolto em nuvens,
 Foge o Pólo da vista ao Nauta invicto.
 Vence o Gigante assustador do Gama,
 Que da bocca, e das mãos tufões remessa,
 Roucos trovões da voz, dos olhos raios.
 Audaz façanha, que merece apenas
 O crédito aos mortaes! Mas foi propicio
 Ao magnanimo Heróe o mar, e o vento,
 Ou porque o feito insólito admiráraõ,
 Ou porque o Lenho humilde, e não guerreiro
 A sanha lhe enfreou: e em si trazia
 Inda mais do qu'hum Cesar, mais qu'hum Nelson.

Maior prodigio os seculos guardavaõ,
 Quando a cobarde Tyrannia opprime
 A Pátria dos Heróes, quando pretende
 Abater, degradar almas sublimes,
 Honra da especie humana, e lançar ferros
 Ao collo Portuguez; entãõ de Lysia
 O filho illustre as ondas avassalla
 Em pequeno Baixel. Botelho excede,
 Que só desde Cambaia aos negros Cafres
 Passou sem ver de perto as longas costas.

Desde que avista os derrubados muros
 Da abrazada Mombaça, a ineiga terra,
 Doce mãe dos mortaes, nunca dos olhos
 Perdeo, té que embocando o Téjo ameno
 Foi no mesmo Batel dar fundo, aonde
 Em aureos Paços o Monarcha estava,
 Mostrar-lhe a imagem dos entrados muros
 Da conquistada Dío, onde a victoria
 Preza sempre existio nas mãos dos Lusos,
 Sem vêr mais do que o Ceo, mais do qu'a extensa
 Das turvas agoas líquida campina,
 Da Europa além dos Trópicos se lança:
 Do antigo Continente ao novo aporta.

Desde que o vaõ, mysterioso Egypto,
 Primeiro berço das Sciencias todas,
 Que inda agora escondido entre ruinas
 Com restos colossaes insulta o orgulho
 Dos Póvos Europeos, em frageis Lenhos
 A cortar começou do Nilo as aguas;
 Té que os Britannos torreões nadantes
 A derradeira volta ao Mundo deraõ;
 Entre os Fastos navaes prodigio tanto
 A Historia não marcou: talvez que os évos,
 Que inda por vir estaõ, igual não vejaõ.
 Em quanto a Pátria agradecida ao feito
 Prepará ao grande Navegante os louros:

Em quanto o bronze, e marmore não mostraõ
Voltada aos Ceos a imagem respirante ,
E no soberbo pedestal não grava
Os attributos da naval sciencia ,
Co'a mente em fogo accesa, e ás Musas dada,
A' Pátria, ao Throno, ao Merito, á Virtude,
Que a façanha inspirou, que o Heroe corôa,
Este tributo de louvor consagro.

F I M.





500 10
150 04

3. 20
1. 10 mercaria
1. 10 mercaria
1. 10 mercaria
1. 10 mercaria
3. 20

